

XANGÔ, UM MITO COMPLEXO

Por: Ana Maria Nogueira¹

RESUMO: A mitologia é um campo de conhecimento arquetípico, um conjunto de histórias que propõem modelos para o comportamento humano e para o relacionamento dos indivíduos em sociedade e com a natureza. A ideia deste texto é analisar a dinâmica anima/animus na formação da personalidade. O mito escolhido foi o de Xangô, orixá da cultura africana lorubá, representação iconográfica da masculinidade e da força física. Essa figura mitológica foi o único orixá masculino a ter três esposas, que representaram aspectos diferentes e complementares do ideal feminino popular. Xangô tinha sua esposa preferida, mas usou os recursos das outras duas para ter sucesso no seu reinado. Este artigo tem como objetivo iniciar uma discussão a respeito da figura mitológica de Xangô, um dos deuses (ou orixás) do panteão iorubá. Esse culto de tradição ketu foi trazido do Benin, costa oriental da África, para o Brasil durante o tráfico de pessoas escravizadas. Essa população era desembarcada nos portos do Rio de Janeiro e de Salvador, na sua maioria.

De acordo com a tradição iorubá, os orixás são deuses que representam energias vitais e forças da natureza. São eles que organizam a vida na terra e, portanto, é possível inferir que cultuá-los garante equilíbrio para a psique humana. Psique neste caso pode ser entendida como o conjunto de pensamentos, sentimentos, comportamentos conscientes e inconscientes. No que diz respeito aos comportamentos inconscientes, uma parte deles herdamos da coletividade. Representam nossa conexão com os que vieram antes de nós.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência a experiência pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas a hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. (JUNG, 2020, p. 51)

¹ Dra. em História pela Universidade Federal Fluminense, Analista em formação pelo CEJAA (Centro de Estudos Junguianos Analistas Associados)

A psicologia analítica desenvolvida por Carl Gustav Jung trouxe para o campo da teoria psicológica o conceito de inconsciente coletivo, que junto ao inconsciente pessoal, faz parte da psique humana. Como diz Jung, (2020, p. 26) “o inconsciente contém não só componentes de ordem pessoal, mas também impessoal, coletiva, sob a forma de ‘categorias herdadas’ ou arquétipos“. Em outras palavras, pode existir uma conexão entre indivíduos e coletividade e, portanto, pode ocorrer uma troca entre esses universos. É exatamente nessa intersecção que se coloca a interpretação do mito de Xangô.

A história da construção do mito de Xangô faz parte de uma tradição de contação de histórias, a forma mais antiga de transmissão de conhecimento, a tradição oral. A cultura iorubá na medida em que valoriza a experiência de vida, o conhecimento dos mais velhos, pode ser colocada dentro nessa tradição oral de contação de histórias. São os mais velhos os responsáveis pela orientação da comunidade, que acontece basicamente através das histórias contadas.

A mitologia também pode ser considerada um conjunto de histórias, de tradições, de conhecimentos. Uma de suas funções seria popularizar, tornar visíveis, histórias que são difíceis de serem contadas. É possível usar a psicologia analítica para ampliar, mas não para interpretar essas narrativas, como sugere esse artigo. O objetivo aqui é oferecer um ponto de vista sobre o equilíbrio animus/anima na formação da psique humana. Para isso foi escolhido o mito de Xangô, que pode ser interpretado como um arquétipo da justiça, da força física, da valentia, representado por uma iconografia masculina.

1. O mito de Xangô

Os orixás podem ser entendidos como arquétipos que são invocados pelos que cultuam essa religião cada vez que aparecem situações desafiadoras. Fazem parte da cultura africana que chegou ao “Novo Mundo” a bordo dos navios negreiros, que foi adaptada, reconfigurada e batizada como candomblé (ou macumba, na região do estado do Rio de Janeiro).

Na tradição de candomblé *ketu* as forças da natureza agem sobre os homens, que absorvem algumas de suas características particulares. No panteão das divindades dessa tradição, Xangô é o “rei do trovão”. Ele comanda o fogo e as “pedras de raio”. É considerado também um orixá da justiça e uma entidade misericordiosa. De acordo com Pierre Verger (1981, p. 134) Xangô “foi o terceiro rei de Oyó, região da costa oeste africana, e teve três esposas: Iansã, Oxum e Obá. A ele se atribui um senso de justiça, nobreza e valentia, além do profundo “desprezo por ladrões e mentirosos”, ainda segundo Verger.

A masculinidade de Xangô é sublinhada na iconografia pelo machado que ele carrega e reforçada pelo seu *ilá*, um som gutural que parece vir das entranhas do orixá (chama-se *Ilá* o som emitido pelos orixás, um “grito de guerra”, que faz parte da sua identidade). É uma representação do animus, da força e da combatividade popularmente associadas à masculinidade. Em sua festa anual, acontece uma dança em torno de enorme fogueira, quando Xangô e Iansã disputam a honra de carregar na cabeça um alguidar com fogo e com as brasas retiradas da fogueira. Entretanto, apesar dessa persona masculina e dominadora, o lado anima de Xangô é bem representado pelas características que absorveu de suas três esposas, Iansã, Oxum e Obá. Essa figura mítica foi o único entre os orixás *ketu* a ter oficialmente três esposas que representam, respectivamente, as características do feminino popular: Iansã a sedução, Oxum a beleza, Obá a dedicação. Essas deusas são invocadas com objetivos bem claros de seduzir, conquistar, possuir a beleza e provocar atração, além de oferecer um companheirismo fiel, dedicado. Xangô, como um orixá que escolheu três esposas com atributos diferentes, porém complementares, pode sugerir a realização da fantasia masculina de mulher “ideal”, aquela que na cultura ocidental é sedutora, bela, dedicada e fiel. Pode também encarnar um drama masculino:

Assim, desde os primórdios, o homem nascido na terra com seu sadio instinto animal está em luta com sua alma e seus demônios [...] a relação com a alma é outro teste de coragem, uma prova de fogo para as forças espirituais e morais do homem. (JUNG, 2020, p. 37-38)

Do ponto de vista da cultura cristã ocidental, o fato do orixá ter escolhido três esposas, pode parecer fora do padrão. No entanto, o *status* de

Xangô não é questionado na cultura Iorubá. Também não causa espanto seu hábito de se enfeitar com adereços e roupas femininos. Ou de se vestir como Iansã para escapar de inimigos. Como o orixá da justiça, ele usou a sabedoria de cada uma das esposas em seu benefício.

Como rei de Oyó, Xangô se destacou pela flexibilidade e pela coragem durante seu reinado. Sua representação iconográfica é de uma figura masculina, um guerreiro. Mas foram as energias de Iansã, Oxum, e Obá que ajudaram na construção dessa masculinidade *sui generis* do orixá - complexa e original. Complexa no sentido em que Xangô escolhe incorporar em sua personalidade atributos considerados femininos. Original na medida em que traz a força desses orixás para o seu reinado em Oyó:

A imago da mulher (a alma) torna-se, com a mesma naturalidade, o receptáculo de tais pretensões; por isso o homem em sua escolha amorosa, sente-se tentado a conquistar a mulher que melhor corresponda à sua própria feminilidade inconsciente: a mulher que acolhe prontamente a projeção de sua alma. (JUNG, 2020, p. 79)

Isso pode explicar porque Iansã é a orixá feminina que mais tempo ficou ao lado de Xangô, pois representa o arquétipo da mulher astuta e guerreira, sendo a única que dança com ele ao redor da fogueira. Já sua segunda esposa é a rainha das águas doces, a representação da fecundidade e da sedução. Oxum traz o arquétipo da beleza e da vaidade. Obá, que em alguns relatos aparece como primeira esposa e em outros como terceira, representa o companheirismo, a ingenuidade feminina, a maternidade. Seu arquétipo é o da companheira fiel. Como se pode ver durante todas as aventuras de Xangô na terra, contadas pelos estudiosos da cultura Iorubá, esse rei soube utilizar as lições aprendidas com as esposas para consolidar seu reinado.

Mas que relação pode ser estabelecida entre esse mito e o processo de individuação junguiano observado coletivamente ou no âmbito da clínica? De acordo com Jung, individuação é um processo:

Este processo corresponde ao decorrer natural de uma vida, em que o indivíduo se torna o que sempre foi. E porque o homem tem consciência, um desenvolvimento desta espécie não decorre sem dificuldades; muitas vezes ele é vário e perturbado, porque a consciência se desvia sempre de novo da base arquetípica instintual, pondo-se em oposição a ela. (Jung, 2020, p. 49)

A ideia deste texto foi fornecer mais um elemento para responder à questão acima: a história de Xangô, considerando as contribuições de suas três esposas, é um mito trazido pela cultura Iorubá e recriado no Brasil, que contém os arquétipos anima e animus integrados. Entende-se aqui o conceito junguiano de animus como arquétipo do masculino e anima como arquétipo do feminino. A personalidade masculina construída por Xangô se enriquece e fortalece a partir dos símbolos do feminino que ele incorpora. No seu comportamento, ao se vestir com as roupas de sua esposa para escapar de inimigos, ou na sua estratégia de luta, ao seguir a intuição dela, esse orixá não apenas incorporou aspectos do feminino de suas companheiras, mas também concretizou um ideal masculino: possuir “todas as mulheres”, no sentido de ter esposas que representam diferentes aspectos do feminino.

Qual o simbolismo da masculinidade desse orixá, construída em bases também femininas? Entender essa dinâmica possibilita ampliar a compreensão do masculino e do feminino - como um símbolo ou exemplo da fantasia humana de perfeição. Essa fantasia ou idealização consegue juntar características idealmente atribuídas à masculinidade e à feminilidade numa mesma personagem. Abordar o mito a partir desse ponto de vista pode contribuir para ampliar a compreensão do simbolismo do masculino, para além da visão binária, pensando na prática da clínica junguiana. Conflitos que em geral provocam sofrimento podem ser abordados a partir dessa complexidade. A aceitação pelos homens de uma “porção feminina”, que pode se expressar pela fragilidade, sensibilidade, intuição masculinas, seria um exemplo. Dificuldades de relacionamento são muitas vezes provocadas por exigências de definições rígidas quanto à sexualidade e aos papéis sociais.

Na perspectiva da sociedade patriarcal, Xangô escancara a fragilidade da dominação masculina, na medida em que compõe sua personalidade viril em aliança com três orixás femininas. Essa masculinidade *sui generis* permite que o orixá seja reconhecido na mitologia como orixá da justiça. Além disso enriquece o entendimento do conceito de masculino, fugindo da análise binária majoritariamente aceita na cultura ocidental.

As imagens arquetípicas associadas ao feminino e que foram incorporadas por Xangô na mitologia Iorubá representam polaridades masculino/feminino que podem também provocar conflito, tensão. Seria

possível afirmar que este orixá triplicou o poder feminino para compor uma personalidade mítica complexa. De certa forma, inverteu o mito cristão de criação da mulher a partir da costela de Adão. Portanto, na tentativa de responder à questão sobre o mito e o processo de individuação, é possível afirmar que a história de Xangô traz complexidade e riqueza para a ampliação desse processo e aponta para um estudo mais profundo.

REFERÊNCIAS

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

_____. *A natureza da psique*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2020

_____. *Aion estudo sobre o simbolismo de si-mesmo*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2020

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. São Paulo: Editora Currupio, 1981.